

LEITURA DE IMAGEM SOCIAL: O QUE É SER MARGINAL

Brigite de Aguiar Borges ¹
Daniela da Cruz Schneider ²

RESUMO

Este artigo é resultado de uma prática formativa disparadora de leitura de imagem realizada através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), dentro do Subprojeto Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Em que se realizou uma proposição crítico-analítica com alunos do 7º e 8º ano, no componente curricular Arte, da Escola Escola Municipal de Ensino Fundamental Admar Corrêa, localizada na cidade de Rio Grande, RS, no bairro Santa Tereza. Servindo-se da fotografia como material de estudo, considerando sua proximidade com os estudantes devido ao seu fácil acesso e manuseio, discutindo, por meio dela, a temática da anestesia contemporânea aos dilemas enfrentados pelas parcelas marginalizadas socioeconomicamente. A prática fundamentou-se nos princípios de leitura de imagem especificados por Ana Mae Barbosa na Abordagem Triangular, que norteia três eixos centrais de estudo: contextualização, apreciação e fazer artístico. Trabalhou-se a compreensão da imagem como forma de construção de conhecimento, não apenas artístico, mas também de formação social, distanciando-se da mera apreciação estética e explorando sua dimensão político-social. Permitindo através desta perspectiva esclarecer aspectos subjetivos contidos no discurso, qualidade essencial para se desenvolver enquanto ser crítico e pensante. Ao longo do processo debateu-se também a respeito da necessidade de adaptação dos docentes diante das manifestações imagéticas contemporâneas, assimilando o espaço ocupado pela cultura visual na vida dos discentes e a influência que a mesma exerce sobre eles. Havendo a necessidade de criar-se uma relação entre o material de estudo e as experiências vivenciadas pelos alunos, a fim de expandir o ato de ler para além da sala de aula.

Palavras-chave: PIBID, Arte/Educação, leitura de imagem, marginalização socioeconômica, fotografia.

INTRODUÇÃO

Através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Subprojeto Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), foi elaborada uma proposição de curadoria educativa para o espaço escolar. Nesse sentido, partiu-se de um exercício em que foram selecionadas de duas à quatro imagens contendo sentidos semelhantes, propondo uma prática formativa disparadora utilizando da leitura de imagem,

1 Graduada do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Pibidiana do Subprojeto Artes Visuais, brigiteborges14@gmail.com;

2 Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, no Instituto de Letras e Artes (ILA), nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, Coordenadora do Subprojeto Artes Visuais, danic.schneider@gmail.com.



operando por meio de perguntas geradoras, a fim de um entendimento crítico imagético. A prática ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Admar Corrêa, localizada na cidade de Rio Grande RS, no bairro Santa Tereza, com turmas de 7º e 8º ano, no componente curricular Arte.

Desenvolveu-se, neste âmbito, uma proposição que discutisse a temática da anestesia contemporânea aos dilemas enfrentados pelas parcelas marginalizadas socioeconomicamente, servindo-se do objeto fotográfico como material de estudo. A fotografia tem sido um dos formatos de maior interesse pela juventude na compreensão da arte, deste modo selecionamos três imagens corriqueiras e acessíveis de inspiração e produção. Analisando-as como espécies de textos visuais, que emitem simbologias e significantes, mediante adentramento em suas nuances, instigando uma leitura interpretativa, crítica e contextualizada socialmente.

Partindo dos princípios de leitura de imagem especificados por Ana Mae Barbosa (2022), no artigo *Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil*, em que debate a respeito da influência exercida pela Abordagem Triangular na disseminação da prática de leitura de imagem no ensino de artes no país, apresentando um sistema que articula aspectos cognitivos, perceptivos, analíticos e criadores. A Abordagem Triangular estabelece três eixos centrais norteadores de estudos: contextualização, apreciação e fazer artístico. Sendo a contextualização, situar de forma histórica, social e subjetiva o objeto; a apreciação, analisar os elementos que o compõem e discutir as questões emergentes dele; e o fazer artístico, abrir um espaço criativo relacional, para dialogar sobre o que foi visto e produzir a partir disso.

Dito isto, é importante ter em mente que o olhar reage de forma imediata às imagens, em uma percepção momentânea e superficial necessitando aprimoramento, distanciando-se da mera apreciação estética e explorando a dimensão político-social implicada.

Ler imagens vai além do que dar sentido ao que o aparelho da visão reconhece como realidade, mas também é ler o que não está sendo visto, a mensagem implícita, reconhecendo o repertório, a simbolização, o discurso não dito, considerando a cultura no tempo desse mundo codificado (Bordim, 2020, p. 64).

Para compreender as significações impostas a uma imagem é preciso situá-la no mundo e entender suas ideológicas, ponderando seu tempo e espaço. Servindo de exemplo a instalação *Desvio para o Vermelho*, realizada pelo artista brasileiro Cildo Meireles na década de 60, exposta no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), que tensiona o olhar como valor único e primordial, brincando com os sentidos do espectador a partir de três salas.



A primeira sala da obra é composta por uma série de objetos domésticos em diferentes tons de vermelho, causando uma saturação cromática pelo excesso de repetição, que engana e distorce o olhar. O contraste entre cores é necessário para a assimilação do espaço, na ausência deste contraste a visão se mistura e passa a confundir as formas, desempenhando maior ou menor efeito no espectador de acordo com o seu tempo de exposição. A segunda sala contém uma grande poça de tinta vermelha espalhada pelo chão e um pequeno recipiente que parece não ser capaz de conter toda volumetria do líquido.

A cor da tinta e o contexto ao qual o Brasil se encontrava na década de 60, após o Golpe de Estado e início da Ditadura Militar, desperta diretamente associação ao sangue, estendendo-se por todo ambiente até o início da terceira sala, que se encontra em completa escuridão, exceto por uma luz vinda do teto que se direciona para uma bacia fixada a parede, onde cai um líquido vermelho vindo de uma torneira acima, acumulando até quase vaziar antes de escoar. Aos poucos a instalação desperta uma sensação de tensão e hesitação no espectador, conversando sobre o encobrimento, a falta de verdade e a violência do período. O vermelho que tanto expressa amor, ódio ou agressão, repleto de simbolismos, aqui não deixa dúvidas, emprega-se na cor a denúncia a um sistema abusivo e autoritarista.

A obra funciona dentro do seu ambiente, é possível apreciá-la distante do seu tempo e espaço, mas se perde sentido no processo, pois a contextualização é parte essencial na construção de significados. Quando o artista aborda a visão como algo ilusório e distorcivo, ele demonstra de forma prática a confiabilidade produzida pela mesma, necessitando-se investigar as qualidades visuais não expostas a olho nu contidas na imagem. Utilizando da subjetividade para subentender símbolos e significantes ao espectador, que quando aguçado seu olhar é capaz de compreender tais características e pensar criticamente a respeito delas, distanciando-se do mero apreciador, assimilando a complexidade ideológica do mundo imagético.

Portanto, a leitura de imagem é uma forma de análise e construção de conhecimento, não apenas no meio artístico, mas também de formação social, pois permite esclarecer aspectos subjetivos contidos no discurso, qualidade essencial para se desenvolver enquanto ser crítico e pensante socialmente. As imagens sempre fizeram parte da humanidade, porém hoje estão mais presentes do que nunca, tornando-se necessário apurar o olhar e pensar sobre os impactos e os significados impressos nelas, dado a sua ampla disseminação e acesso nas mais diversas plataformas de mídia. Demandando dos docentes adaptação às formas de



manifestação imagéticas contemporâneas, assimilando o espaço ocupado pela cultura visual ³ na vida dos discentes e a influência que a mesma exerce sobre eles (Hernández, 2007).

Diante disso, o uso da fotografia para a ação de leitura foi estratégico, pois como dito anteriormente ela é um dos formatos de maior interesse pela juventude, sendo um objeto de fácil alcance e manuseio. Ao abordar um meio que os é habitual, busca-se criar uma relação entre o material de estudo e suas vivências, expandindo o ato de ler para além da sala de aula. Demonstrando a extensão semiótica ⁴ do campo fotográfico, distanciada do registro banal e embebida de simbologias, quando explorado seus códigos de linguagem, como: planos, iluminação, cores e ângulos, que permitem um encontro entre realidade física e a criatividade humana (Martins, 2022).

METODOLOGIA

A Arte pode gerar pensamento crítico sobre o mundo que nos cerca. Tomando esse objetivo, desenvolve-se uma proposta para os 7º e 8º anos, a partir de leitura de imagem para analisar e problematizar as raízes da marginalização através dos signos contidos no material fotográfico estudado, destrinchando neste processo a própria origem do termo marginal e o que é estar à margem. Abordando o tema sob diferentes perspectivas, conforme apresentadas as imagens o debate é ampliado de maneira geral e subjetiva, partindo da sociedade como um todo e aproximando-se, posteriormente, da realidade dos estudantes. Temos as imagens como disparadoras de uma pergunta indispensável: o que precisa ser visto hoje?

As fotos foram expostas aos alunos inicialmente de forma individual, indagando os elementos conhecidos identificados e a função semiótica que esses poderiam estar exercendo, assim como o caráter ou finalidade que acreditavam conter uma fotografia. A primeira imagem observada registrada por Manoel dos Santos ⁵ (Imagem 01), se passa no bairro da Liberdade em São Paulo em 2025, sob o efeito de cor preto e branco, dividindo o ambiente entre sombra e luz, tendo em seu plano central um homem aparentemente caminhando. Ao adentrar mais atentamente a imagem, teremos as luminárias japonesas características do bairro ao fundo e, à margem esquerda, uma pessoa em situação de rua deitada ao chão.

³ Cultura Visual – campo de estudo interdisciplinar que investiga as influências das imagens e artefatos visuais nas experiências cotidianas, tratando de seu impacto na formação identitária do indivíduo, bem como nos padrões culturais, sociais e de consumo.

⁴ Semiótica – teoria que estuda os signos, símbolos e processos de significação, analisando as construções de sentido dentro da linguagem humana.

⁵ Manoel dos Santos – pibidiano do subprojeto Artes Visuais e um dos propositores da prática.



A partir disso direcionaram-se perguntas geradoras aos alunos, com o intuito de cativar sua compreensão crítica imagética, como: Vocês conhecem a história do bairro da Liberdade? Fundamento importante para a compreensão contextual da imagem. O bairro turístico popularmente conhecido por abrigar a comunidade oriental, carrega consigo uma história de dor, superação e apagamento. Servindo anteriormente de refúgio para escravos libertos e fugidos, sendo deslocados da região no início do século XX devido a um forte processo de urbanização, que desapropriou de terras e imóveis. Tornando-se posteriormente um bairro de imigrantes portugueses e italianos, até a chegada dos primeiros imigrantes japoneses na década de 60, onde o bairro passou a desenvolver traços orientais (Ghedine, [s. d.]).

A desapropriação de uma comunidade em benesse de outra demonstra os princípios morais regidos por determinada sociedade, que credita ou não sujeitos de acordo com seus valores. Pensando nisso, questiona-se os alunos sobre a presença da pessoa em situação de rua na foto e se essa foi um ponto de destaque para eles e, se não, por quê? Examina-se a posição a qual essa pessoa se encontra na imagem e a relação semiótica que tal posicionamento angular estabelece, pois da mesma maneira que ela é colocada à margem aqui, ela se encontra a margem dentro do cenário social. Trazendo questionamentos sobre quem a põe nesse lugar de marginal e se inconscientemente não acabamos por consentir com essa ação, ao banalizar essas ocorrências.

Imagem 01 – Bairro da Liberdade, São Paulo, 2025.



Fonte: Manoel dos Santos.

Na segunda imagem (Imagem 02), retomamos o tema comum sob uma nova perspectiva, não abordando o indivíduo como ser único, mas sim parte de uma grande massa,



observando aspectos contidos na imagem, tais quais a ausência de rosto das pessoas presentes na fotografia. Tratando-se do objeto de estudo, um retrato realizado em uma estação de trem, em Mumbai, na Índia, em 1995, sobre longa exposição, executado pelo fotógrafo e jornalista brasileiro Sebastião Salgado. No qual ele, por meio de um efeito de câmera, em que reduz-se a velocidade do obturador, mantendo o sensor exposto à luz por período prolongado, foi capaz de proporcionar sensação de movimento.

Diante disso, questionou-se os alunos o porquê da movimentação, se haveria alguma intenção contida nela ou se acreditavam ter sido apenas um erro bonito e, se sabendo que foi intencional, quais mensagens procurou-se transmitir. Ao que o movimento nos remete dentro deste contexto, como o espaço se relaciona com esse movimento e quem são esses que se movimentam? Não é possível identificá-los e, se não é, por quê? Que lugar essas pessoas ocupam quando se encontram como massa em movimento sem identidade, elas parecem relevantes ou se perdem como mais um na multidão? Indagando aos alunos quem seriam aquelas pessoas e se conseguem estabelecer um paralelo entre elas e o contexto brasileiro ao qual se encontram. Deixando ao final a proposição de produzir algo similar ao efeito da imagem em outro momento, caso tenham se interessado e queiram experienciar mais da fotografia.

Imagem 02 – Mumbai, 1995.



Fonte: Sebastião Salgado.

A terceira imagem registrada por Manoel dos Santos (imagem 03), no município de Rio Grande, em 2025, diferente das outras carrega consigo um texto escrito: “Quem não é rico não é lembrado”, aqui parte-se da frase e contextualiza-se com o visual. Contesta-se a alegação de que apenas os ricos são lembrados e o que ocasiona isso, examinando se o jovem que aparece na fotografia utilizando a camiseta com a frase enquadra-se ou não neste

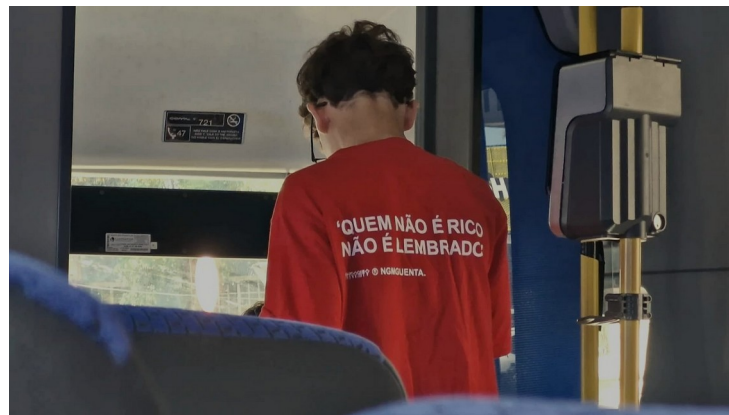


contexto. Realizando posteriormente uma análise do local ao qual esse encontra-se inserido, estando ele dentro de um ônibus, veículo popular utilizado por grande parte da população, debatendo-se qual provocação a frase pretende quando posta dentro deste cenário.

Retomando-se a ausência de rostos constatada na fotografia anterior e, o que a mesma representaria aqui, havendo ou não concordância de sentido entre as duas. Quando avaliado os elementos da imagem de forma individual e agrupados em sentido, percebemos que aquele que carrega o texto se vê incluído na mensagem, não sendo ele a parcela minoritária social a ser lembrada mas mais um na multidão a ser esquecido. A camiseta toma lugar denúncia nesse contexto, dando voz a uma massa silenciada, abrindo espaço para questionar o que o dinheiro representa dentro da sociedade e sua influência.

Buscando aproximar a imagem dos alunos, destacou-se o fato de esta ter sido captada na cidade onde residem, perguntando se tal alegação os aproxima do objeto artístico e se a situação observada é presente em seus cotidianos. Propôs-se como modo de finalização e fixação da prática a escrita de um texto crítico-discursivo, em que os alunos destacaram as semelhanças possíveis encontradas entre as imagens e estabeleceram correlações entre seus signos e significantes.

Imagem 03 – Curta-metragem Vermelho, Rio Grande, 2025.



Fonte: Manoel dos Santos

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na prática formativa desenvolvida, foi possível observar que a leitura de imagem proporcionou a ampliação da dimensão imagética, atribuindo sentido crítico ao ato de olhar, ampliado pela linguagem fotográfica, na “estesia de reolhar” (Martins, 2022, p. 9). Durante o processo, os alunos necessitam subjetivar os objetos contidos na imagem para



construir sentido, em uma espécie de letramento visual. Utilizou-se do mundo imediato deles para aprofundar a interação com as imagens, ligando-os a contextos mais amplos que antes passavam despercebidos ou tomavam pouca relevância. Como refere Freire (1989, p. 9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, antes de aprendermos a significar formamos conceitos por meio da experiência, não sobrepondo-se um sobre o outro mas reconhecendo o valor de ambos e suas importâncias no processo de compreensão social das relações texto e contexto.

Analisou-se o sentido associado pelos alunos ao ato de fotografar e a maneira como a forma de mídia é utilizada por eles, destrinchando-a de maneira a demonstrar que até a mais banal imagem possui uma mensagem por trás. No momento onde você se propõe a registrar uma imagem, mesmo que inconscientemente você está agregando sentido a ela, pois o registro não é desinteressado, ele contém motivo e intenção. Com o avanço da tecnologia e a invenção da fotografia, houve, dito por Bordim (2020, p. 55), “um deslocamento sobre o sentido de se produzir imagens”. A democratização dos aparelhos fotográficos ampliou o acesso e distribuição de mídias, mecanizando o processo representacional, deixando de questionar ou pensar a respeito do que de fato as imagens produzem.

Tornando essencial a presença da leitura de imagem no currículo escolar, pois ela permite aguçar o olhar e subjetivar as produções imagéticas introduzidas de forma frenética em nosso dia a dia. Durante a prática pedagógica os alunos foram capazes de não só compreender o sentido subentendido nas imagens, como estabelecer relação entre os signos encontrados e suas vivências particulares e coletivas. Entendendo que o marginal ou a margem não se reduz às fotografias, mas a um sistema que perpetua as desigualdades, estando eles dentro deste contexto.

O bairro Santa Teresa, onde situa-se a escola, é um bairro periférico da cidade de Rio Grande, marcado pela violência policial e pela falta de infraestrutura. No decorrer das proposições notou-se comportamentos distintos entre o 7º e o 8º ano, em relação às situações citadas. Enquanto o 8º ano procurou abraçar a situação e debater questões próprias através da análise das imagens, o 7º ano se manteve objetivo, tentando ao máximo afastar-se desse contexto, parecendo enxergar o abordado na leitura como algo inferior. Por mais que tenham realizado de forma coesa a prática, assimilando a relação semiótica estabelecida pelas imagens, mantiveram-se distante mesmo após tentativas de aproximação contextual.

Em contradição, a prática com os alunos do 8º ano foi muito além do esperado, despertando conversas profundas e aflitivas, construindo um espaço de afetos e confiança. Nos relatando episódios de abuso de autoridade, em que policiais entraram em suas casas e os



ameaçaram e ou quebraram suas coisas, dos pais com excesso de trabalho e a falta de tempo juntos e a maturidade de entender que todo esse esforço é para que eles tenham boas condições de vida, tudo com uma naturalidade que chega a assustar. Demonstra como essa realidade é constante, não sendo mais apenas uma atividade de leitura de imagem, mas um movimento mútuo de reolhar, os discentes para a sua realidade agora de forma crítica e analítica e os docentes de forma humana e sensível. Compreendendo que o aluno transcende o ambiente escolar, adquirindo perspectivas referentes ao mundo deles.

Freire (2011, p. 26) traz em seu livro *Pedagogia da Autonomia* a frase: “Ensinar exige consciência do inacabamento”, na qual coloca o professor enquanto posição de aventureiro, atravessado por inúmeras vertentes culturais, experienciando sempre novas questões. Aprendendo e se reinterpretando com elas, faz da docência um processo contínuo de ensino e aprendizagem, em que o discente não só absorve conhecimento como o transmite. Desta maneira, a prática se mostrou construtiva, tanto para o entendimento crítico, social e político dos alunos, quanto para a formação docente dos pibidianos envolvidos, que puderam vivenciar a docência de forma real e não idealizada, nem sempre fácil, porém com um potencial criador gigantesco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os educadores não provocam os estudantes a prestar atenção às manifestações da cultura visual a partir de uma análise crítica, podem acabar validando esses prazeres e deixando de ajudá-los a construir ou melhorar sua autocrítica. Além do mais correm o risco de não estabelecer base sobre qual construir uma perspectiva educativa que ofereça a crianças e jovens elementos para um discernimento criterioso face a questões morais, sociais e éticas (Hernández, 2007, p. 67 - 68).

Ler imagens não se trata apenas de um campo de estudo das artes, mas também de uma prática de formação social, que permite a subjetivação do discurso, entendendo que a sociedade funciona a partir do visual. A imagem deixou de ser a representação mimética⁴ do mundo, passando a ser um canal de transmissões ideológicas, no qual diferentes sujeitos encontram espaço para expressar e difundir suas crenças e valores de forma deliberada. Nesse processo, as imagens também participam da construção e manutenção de visões sociais, podendo reforçar ou questionar desigualdades existentes. Ensinar sobre as imagens nunca se mostrou tão importante quanto é hoje, não podendo limitar-se à leitura de imagem apenas à disciplina de Arte, havendo necessidade de expandi-la para as demais áreas do ensino básico.

4 Mimética – capacidade ou ação de imitar e/ou representar algo.



O aprimoramento da capacidade cognitiva do olhar no ato de leitura desconstrói o ser passivo, alheio às influências imagéticas presentes na sociedade contemporânea, e possibilita a construção de um ser ativamente pensante, apto a questionar e reformular o mundo que o cerca. Reconhecendo a capacidade crítica das imagens e seu potencial elucidativo, dissertando por meio de seus objetos acerca da manutenção das desigualdades sociais.

Torna-se assim essencial a compreensão das imagens na atualidade, pois, com a democratização das mídias e os meios de acesso altamente difundidos, criou-se um fluxo incessante de conteúdos visuais que influenciam desde a formação identitária do indivíduo até seus padrões culturais, sociais e de consumo, contribuindo para um estado de alienação da realidade. Dessa forma, a imagem molda o sujeito e o convence de seu valor, muitas vezes sem que ele adquira consciência desse processo.

Dito isto, a proposição realizada na escola Admar Corrêa não foi apenas uma atividade pedagógica, mas uma construção de saberes sociais. Ao utilizar fotografias para debater questões referentes à marginalização socioeconômica, aproveitou-se da proximidade que esse meio tem com os estudantes, para demonstrar que nenhuma imagem existe sem intenção, pois, ao idealizá-la, você já está atribuindo-a sentido mesmo antes de sua realização. O ato de registrar tornou-se algo tão imediato que nem se questiona mais o motivo de fazê-lo. Imersos em um carrossel infinito de imagens, no qual podem simplesmente arrastar o dedo para cima ou, ao contrário, interromper esse movimento e observar criticamente aquilo que se apresenta diante de nós, entendendo a incompletude do olhar e a indispensabilidade do contexto.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer as oportunidades que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) me proporciona, pois, por meio dele, fui capaz de me desenvolver de forma ativa, compreendendo melhor o ambiente da sala de aula. Nesse processo, foi essencial o apoio e a presença da coordenadora do subprojeto de Artes Visuais, Daniela Schneider, que acompanha de perto nossas produções e incentiva a construção do nosso ser docente, demonstrando as potencialidades criadoras do universo escolar.

Contando também com o acompanhamento do supervisor Rafael Goulart, professor regente da disciplina de Arte na Escola Municipal de Ensino Fundamental Admar Corrêa, excelente referência na área, dedicado e afetuoso com o processo de ensino-aprendizagem, sempre disposto a nos auxiliar nas questões de sala de aula. E, em especial, agradeço ao meu colega pibidiano e também proponente da prática, Manoel dos Santos, que organizou e



desenvolveu comigo as leituras de imagem, trabalhando de forma criativa e instigante em uma proposta que se estende para além dos portões da escola.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 9, 2022.

BORDIM, Lilian Lindquist. **O ensino da arte na atualidade mediado pela imagem fotográfica propulsora reflexiva**. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GHEDINE, André. **História dos bairros paulistanos: Liberdade**. São Paulo: Folha de S.Paulo, Banco de Dados Folha, [s.d.]. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_liberdade.htm>. Acesso em: 27 de jan. 2026.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS, Mirian Celeste. **A casa e a cidade como espaços plurais para encontros com a arte**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 42, n. 116, p. 7–17, 2022.

MEIRELES, Cildo. **Desvio para o vermelho**. 1967. Instalação: carpete, mobília, aparelhos elétricos, enfeites, livros, plantas, alimentos, líquidos e pinturas. Acervo permanente do Instituto Inhotim, Brumadinho.

